Corrupção: Há falta de “consciência do risco”, diz Maria José Morgado

Escrito por CP
Sexta, 22 Fevereiro 2013 20:24

A procuradora-geral adjunta Maria José Morgado afirmou, hoje, em Coimbra, a propósito do combate à corrupção, que falta cimentar “a consciência do risco para o infractor”.

Ao invocar a dimensão de simbolismo inerente à administração da Justiça, a magistrada do Ministério Público, caricaturando, comparou o combate à corrupção à limpeza do pó em casa de cada um de nós.

A directora do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa interveio numa conferência, na Faculdade de Economia de Coimbra, no âmbito de um ciclo denominado “Cidadania e desenvolvimento: a governação e a organização do sistema de Justiça”, organizado pelo Observatório Permanente da Justiça do Centro de Estudos Sociais da Universidade local.

“A Justiça deve responder, em tempo útil, às questões da criminalidade”, advertiu a oradora, vincando, no entanto, que o sistema judicial não foi concebido para fazer revoluções.

Para a procuradora-geral adjunta, o Ministério Público (MP), enquanto entidade titular da acção penal, carece de organização para dar respostas rápidas e eficientes à criminalidade.

Instada a precisar em que consiste isso, preconizou que seja dado “mais poder” ao MP a fim de ele reforçar o seu contributo para a resolução dos problemas das pessoas, recomendou alguma informalidade para se lidar com a pequena e média criminalidade e sugeriu o aperfeiçoamento da mediação penal.

Neste contexto, fez a apologia do sistema da Holanda, onde o MP pode decidir da pena a aplicar à maior parte das infracções e em que um processo só vai para um juiz em caso de discordância do arguido.